

Suportar o crime: o imaginário do controle social nos romances policiais da revista X-9 na década de 1950.

Luiz Carlos Sereza¹

Resumo: A criminalização de pessoas desprovidas de amparo social teve, na década de 1950, o auxílio de um conjunto de representações marcadas por um imaginário de época. Suportadas por dispositivos dos mais diversos, de jornais ao cinema, passando por revistas de entretenimento (como a X-9), as representações acerca do crime justificavam medidas policiais e aumentavam a insegurança, lançando mão de técnicas de nomeação e construção de imagens para crimes e criminosos. Apoiadas pela cultura do crime existente no Brasil, o conjunto de representações policiais presentes na Revista X-9, seja em seus romances policiais ou por meio da apresentação de narrativas verídicas, conduzia a uma atmosfera de insegurança e apreensão. O objetivo deste trabalho é problematizar as maneiras de nomeação do crime na Revista X-9 como uma patologia social, de modo a compreendê-la como uma peça do aparato simbólico de controle social.

Palavras-chave: romances policiais – criminalização – controle social.

Abstract: The criminalization of de peoples unprovided social support it had, in the 1950 decade, the assist of a set of representation marked for an imaginary of time. Support for many devices, de paper and the movies, passing for entertainment magazines (like the X-9), the representation about crime they justified police measures end that's measures increased the insecurity. This was possible for the use of techniques of nomination end creation of images to crime end criminals. Supported for a culture crime existing in the Brazil, the set of polices representation present in the magazine X-9, in the detective novels our in true history of crime, it lead to an atmosphere of insecurity and apprehension. The objective this work is analyze how the nomination of crime in X-9 magazine was understood whit a social pathology, in way a to understand it whit part of symbolic apparatus of social control.

Key Words: dectetive novel – criminalization – social control

O crime, êste monstro de mil tentáculos, que, desde o princípio dos séculos, vive grudado como uma chaga à humanidade, tem mil facetas e usa de mil disfarces na sua ação maléfica contra o Homem. Na ficção literária dos contos que X-9 até hoje tem apresentado, o tema crime vem servindo de entretenimento vigoroso para aquêles que buscam conhecer melhor os labirintos tenebrosos onde fermentam essas florações malignas, mas em nossas páginas faltava o impacto cru e necessário das histórias verídicas de crime, cuja revelação constitui um autêntico tratamento-de-choque e uma maneira mais vigorosa de provar a todos que o "crime existe, mas não compensa".²

Suportar o crime, além de *inventar* uma insegurança e lançar a sociedade subsídios que alimentem um imaginário social sobre o crime, as narrativas policiais, policialescas – ficcionais ou não – cumpriram um papel chave na construção de um aparato moderno de

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em História da UFPR

² Editorial de abertura da seção *Suplemento amarelo do crime* da Revista X-9 julho de 1957, segunda quinzena nº 381

controle social, o presente trabalho faz uma problematização de tal desenvolvimento tento como objeto um dispositivo (ou suporte) de tais discursos veiculados durante quatro décadas (1940 – 1970) a Revista X-9. Nosso problema guia tende a compreender as narrativas policia como parte de um processo de internalização de costumes e hábitos, assim como a constituição de um aparelhamento policial. Para tanto é necessário perceber que o processo do sistema capitalista gestado no pós 1930, diferentemente do vivido no início do século XX, teve de ser conduzido de modo a conter e a limitar comportamentos desviantes em um modelo policial moderno, ao mesmo tempo, mais complexo e mais especializado. A policia e o policiamento do Estado Novo, assim como o do período posterior conhecido como fase democrática, teve de trabalhar com o fato de existir uma sociedade de massa. O que de alguma maneira, estava vinculada a manifestações de rua, e estas serem parte de um cotidiano onde a repressão policial não poderia se desenvolver como nas primeiras décadas do século.

Com isto, não queremos dizer que a policia tornava-se menos violenta com a população, mas sim, que as diretrizes do trabalho policial tinham de passar também por outros processos, sejam o político (caso específico da criação de uma policia política) sejam os voltados para o controle social mais amplo. Os mecanismos de comunicação estavam diretamente ligados a este processo, mesmo que não obedecessem a uma estrutura institucional (neste caso em específico) estavam, em certa medida, ligados a condicionantes e imaginários de época que forneciam um significado e uma eficácia simbólica na nomeação e construção de tipos criminosos, de hábitos e lugares do crime. Neste sentido, as narrativas sobre o crime e a criminalidade retornavam a um significado do termo policia, que a muito, deixara de ter uso o de *polir*, de *assear*.(Pechman, p. 295)

Este sentido guardava uma relação tênue, sem fronteira definida com o termo civilização e ao que parece, as narrativas policiais veiculadas durante o este período cunhavam também um objetivo próximo, se não civilizador ao menos educacional. O que observamos na revista X-9 pode ser descrito como um discurso moralizador, em certos momentos que se pretende pedagógico. Não se pode deixar de lado, o fato deste processo também estarem vinculados com a uma forte influencia da censura que o Estado e outros setores da sociedade organizada estabeleceram durante o período, principalmente durante a década de 1940, para toda uma gama de publicações que abarcava tanto revista em quadrinhos, como as revistas policiais, o que fazia com que os editores utilizassem deste tipo discursivo como um tipo de engoda e proteção. No entanto, também é preciso observar que as revistas policiais, e em específico a X-9, procuravam estabelecer um discurso de autoridade sobre o assunto da criminalidade, publicando relatos de policiais e “especialistas”, assim

como, seções destinadas a explicações sobre técnicas forenses e criminalísticas. Estes discursos produziam um sentido e faziam parte de uma fala ritualizada que ao poucos produzia aquilo que Foucault identificara como uma modificação das enfadonhas narrativas sobre o crime para a construção de uma tática que produzia o “crime dourado” (Foucault, 2000, p.237). Temos de observar que diferentemente dos romances de folhetim da França do XIX ou das crônicas policiais. Os discursos destas revistas policiais e em específico da X-9 produzem uma ambivalência, mesclam duas características, produzem dois poderes distintos: justificam a violência policial no trato de criminosos e

O noticiário policial, junto com a literatura de crimes, vem produzindo há mais de um século uma quantidade enorme de “historias de crime” nas quais principalmente a delinqüência aparece como muito familiar e, ao mesmo tempo, totalmente estranha, uma perpétua ameaça para a vida cotidiana, mas extremamente longínqua por sua origem, pelo que a move, pelo meio onde se mostra, cotidiana e exótica. Pela importância que lhe é dada e o fausto discursivo de que se acompanha, traça-se em torno dela uma linha que, ao exaltá-la, põe-na à parte. (Foucault, 2000, p. 283)

E nesta dimensão que um imaginário sobre o crime tem sua retro-alimentação, pela circulação contínua de discursos sobre o crime e criminalidade, nomeando, criando insegurança, definindo fronteiras, educando os olhares e produzindo um suporte para compreender o crime.

1) Suportar ou sustentar

A X-9 foi uma revista publicada pela Rio Gráfica Editores teve início em 1941 e ultrapassou mais três décadas, atingindo um corpo editorial de pelo menos 625 números e tiragens acima de 100.000 exemplares. Ligada a um tipo de literatura de massa chamada *pulp fiction*³, publicou diversos contos e novelas policiais, histórias de horror e fantasia, além, é claro, do quadrinho criado por Dashiell Hammett “o agente secreto X-9”, quadrinho este, que deu nome à revista. Porém, em 1957 um novo acontecimento trouxe às páginas da X-9 uma estrutura diferenciada, chamada “o suplemento amarelo do crime”, como a própria revista definia-o, narrativas verídicas sobre crimes cometidos nos Estados Unidos. Estas eram cuidadosamente inseridas em uma seção ao meio da revista, editadas em páginas de cor

³ Publicações em formato americano, que foram produzidas por editoras brasileiras, utilizava-se de papel de baixa qualidade, assim como as iniciadoras do gênero americanas. Este ramo ficou conhecido como *Pulp fiction*, pois traziam a seus leitores de gosto duvidoso histórias de rápida leitura e fácil absorção. O gênero de publicação, ou espécie se preferirmos, foi dotado de certa flexibilidade isto o removeria do interior do complexo jogo de regras do romance policial moderno, pois neste, deveriam os autores fornecer todas as pistas aos leitores e transformar o texto em um jogo a ser resolvido apenas na última página no entanto aproximava-os a outras tradições de romance policiais e histórias de ficção como as de horror e fantasia.

amarela. As narrativas apresentavam crimes em um formato policialesco, repletas de fotografias e textos apelativos. As pessoas que haviam cometido os crimes, eram apresentadas como aberrações circenses, prontas a atacar o leitor em qualquer hora ou lugar. Contudo o carro chefe da publicação eram os contos, novelas e romances policiais.

No entanto, o que é um conto policial. Em rápidas palavras, o romance policial é um gênero literário que nasceu no século XIX e consiste em uma narrativa onde existe um crime e alguém disposto a solucioná-lo. (REIMÃO, 1986: 15)

O romance policial tem suas normas; fazer “melhor” do que elas pedem é ao mesmo tempo fazer “pior”: quem quer “embelezar” um romance policial faz “literatura”, não romance policial. O romance policial por excelência não é aquele que transgride as regras do gênero, mas o que a elas se adapta. (Todorov 2003, P.95)

Logo, há um formato que deve ser respeitado pelo autor para que este seja um texto que se enquadre às regras de produção do gênero. A maioria dos críticos ao analisar esta espécie tende a retornar à história do romance policial, para poder *decifrá-lo*. O que nos fornece o indício de que o conto ou romance policial não pode ser entendido fora de suas características históricas e sociais, sendo difícil compreender as diferentes representações sem analisar algumas de suas dinâmicas processuais. Dentre as diferentes bases que formaram o romance policial, estavam as imagens de dois de seus personagens principais o detetive e o criminoso, afinal, se há um mistério, alguém irá desvendá-lo, mas, outro alguém será descoberto, como o produtor deste.

Além das dinâmicas entre as representações dos detetives e criminosos existem, ainda, outras estruturas que irão se repetir constantemente nos diferentes gêneros de romances policiais. Como o cenário, que nos parece ser sempre a cidade ou, em última instância, o universo citadino. Além deste, podemos ainda inserir as maneiras de narrar à história ou as produções acerca das ameaças, *reais* ou imaginárias, que diferentes grupos representem neste tipo de literatura.

2) Suportar ou aturar, tolerar

A fundação deste gênero pode ser observada muitas décadas antes do aparecimento da revista X-9, talvez podessemos retornar às crônicas policias do século XIX ou aos romances folhetins que identificaram os, então, novos atores sociais do universo urbano, construindo sobre a forma metafórica do monstro (vide Balzac ou Sue) ao dimensionar a importância deste gênero Robert Pechman diz:

A literatura faz eco às grandes ansiedades do momento; ela repercute esteticamente o medo do misterioso e do desconhecido, de um universo que vai se livrando de suas amarras tradicionais, e vai penetrando no novo e desconhecido mundo moderno.

As grandes cidades como Londres e Paris aparecem como a expressão dos mistérios desse mundo moderno e são metaforicamente representadas como se fossem labirintos, lugar do imponderável, cena de fatos imprevisíveis. (PECHMAN, 2002: 228)

No entanto, nos parece, que para além da representação do misterioso, tanto páginas policiais como a literatura folhetinesca de modo geral, cumpriram um papel importante na formulação dos lugares sociais da cidade industrial, e também, ensinaram, produziram uma pedagogia da nomeação; criaram de maneira acabada, em certo sentido, as transgressões e sanções. Talvez, isto explique a utilização de tantas metáforas literárias para descrição de “crimes” e “criminosos”. Contudo, voltemos ao “suplemento amarelo do crime”. A pergunta inicial que gostaríamos formular, parafraseando Foucault, é a que gênero pertencem estes discursos?

Para tentar responder a esta questão, façamos uma revisão do lugar onde se encontram. Uma revista de contos de ficção, de consumo rápido e entretenimento, um lugar de fantasia, enfim, um lugar banal. Foi nesta posição inicial, que pudemos encontrar os discursos do “suplemento amarelo do crime”, à margem entre a “dura realidade” e a privilegiada banalidade, um cruzamento entre as duas vontades (a de verdade e a de fantasia). Neste cruzamento a vida e a morte foram alvos do falar. Foi esta a estratégia que permitiu o controle da materialidade destes discursos, pois como bem disse Foucault “não se pode falar tudo” (Foucault, 2000). Dentro destas formações discursivas, diversas mecânicas permitiam que fossem inseridas cenas de violência no espaço do lazer.

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, em *Dialética do esclarecimento*, demonstraram que o espaço do lazer não é o espaço do não trabalho, mas sim, o espaço de preparação para o trabalho. Assim, quando algo é inserido no lazer dos indivíduos seria correto então afirmar que em certa medida está vinculada à idéia de trabalho e se aceitarmos a colocação de Bresciani onde “a organização da força policial é parte constitutiva da estratégia de formação de um mercado capitalista assalariado. A imposição do padrão monetário de assalariamento junto ao trabalhador só se tornou viável por meio do constrangimento legal que a polícia cuidou de vigiar incansavelmente” (Bresciani, 1983:140) e com ela todos os outros processos policiaescos, como crônicas, páginas e romances policiais, então, auxiliam na formulavam de uma estratégia de internalização de auto controles.

Ao manusear a revista, o leitor encontraria uma série de elementos que define a maneira pela qual seus olhos seguiriam. Diferentemente dos romances folhetins ou das crônicas policíacas que se postam ao olhar do leitor sem um roteiro ou objetivos prévios, as revistas contêm certos dispositivos que indicam ao leitor um roteiro a ser seguido, assim, transportaram uma modernização ao espaço do entretenimento, o leitor não busca outra coisa que não o tema da revista, no caso, os leitores da revista X-9, provavelmente, não a buscariam para entender sobre política ou economia ou mesmo para compreender as questões da criminalidade. Acima de tudo o leitor buscava lazer em suas páginas, e neste processo a forma da revista interfere na leitura da mesma. Optaremos aqui por tratar uma separação para análise do sentido, ou melhor, o efeito de sentido, o primeiro ponto que analisaremos é a forma. Por forma observaremos três características sendo: o suporte, o efeito literário e o formato tipográfico deste elemento.

O processo que tem início em 1930 com o aparecimento de diversas revistas de ficção, em nossa opinião, pode ser entendido como um elemento de modernização da área editorial, estas mudanças “contribuem largamente para modelar as expectativas do leitor, além de convidar à participação de outros públicos e incitar novos usos” (Chartier, 1999: 18).

Neste sentido, as edições numeradas davam às revistas uma nova utilidade, pois, tornavam-se objetos colecionáveis, ao mesmo tempo, que se transformavam em companheiras de seus leitores. Esta modalidade de publicação, em muitos casos, era pensada para a leitura de consumo, no caso da X-9 mantinha uma média de páginas que, provavelmente, remeteria ao tempo de leitura necessário para um leitor interessado terminar a leitura do número e buscar o novo exemplar da quinzena. A própria divisão em quinzenas nos fornece indícios para a compreensão do tipo de leitura, e da influência do suporte no sentido dado a ele. O formato americano (7x10'6) permitia a rápida publicação, visto que representava uma economia aos editores que utilizavam as mesmas máquinas que imprimiam os jornais para imprimir as revistas, com exceção da capa. Pois, esta utilizava a técnica, já cristalizada de publicações internacionais.

A capa com mensagens e cores chamativas criavam efeitos diversos no imaginário do leitor, como veremos a seguir, o sumário compilava a seqüência de leitura sugerida pela revista. No entanto um dos fatores mais sugestivos das revistas era o jogo com o “efeito folhetim”. Tendo um número de publicações de grande porte, isso nos faz crer, em certa média, na existência de leitores cativos, criando assim duas questões: a primeira uma experiência de leitura, que deve ser entendida âmbito individual.

A outra, a formação de uma *comunidade de leitura*, que segundo Roger Chartier pode ser uma abordagem que “pressupõe o reconhecimento de várias séries de contrastes; em primeiro lugar, entre as competências de leituras. A clivagem entre alfabetizados e analfabetos, essencial, mas grosseira, não esgota as diferenças em relação ao escrito.” (Chartier, 1999: 13). De fato as relações entre os índices de analfabetos seria um problema a nossa análise, graças aos índices enormes encontrados no período, no entanto os mesmos índices indicam um número maior de leitores na região sudeste, região onde a presença da revista foi maior.

Apenas a existência de leitores não define uma comunidade de tais indivíduos. De fato a constituição de uma comunidade de leitores deve observar outras características como o substrato social ao qual pertencem, há dois indícios para a percepção destes leitores. O primeiro encontra-se no custo da revista, pois, além de dois exemplares mensais, seu custo era superior ao de outras revistas mensais vendidas no período⁴. No entanto, a *pulp fiction* foi associada aos leitores de classe trabalhadora nos Estados Unidos, o que podemos presumir, sobre o substrato social dos leitores de X-9 é que atendem às camadas urbanas baixas e médias. Contudo, outro indício pode nos auxiliar neste ponto.

As propagandas veiculadas na revista atendem a um público alvo, embora sejam elas muito restritas a alguns produtos específicos, um dos grandes anunciantes foi uma marca de brilhantina, o que já indica a predileção ao público masculino. Outro produto muito anunciado em X-9 eram cursos profissionalizantes por correspondência, embora as profissões não fossem convencionais, geralmente curso para formação de mágicos e detetives. O que nos faz inclinar a posição de que a revista tinha um alcance maior em relação aos leitores masculinos e jovens. Talvez, isto explique a presença constante de belas mulheres nas capas de X-9.

As modificações na estrutura do suporte podem representar um significado novo, um efeito novo que podem aproximar o analista aos gestos, hábitos e espaços de leitura. Para completar esta etapa da análise deixaremos o suporte um pouco de lado para analisar o que se encontrava nas páginas deste periódico.

3) Suportar ou sofrer com resignação, paciência

Nas páginas de X-9 eram os contos e as novelas policias que ocupavam a maior parte deste periódico. Logo uma definição para tal gênero literário contextualiza a figura do leitor, e, ao mesmo tempo, nos aproxima do problema do gênero de discurso que tentamos analisar.

⁴ um exemplo pode ser observado em 1957 ano de publicação do “suplemento amarelo do crime”, onde a revista custa dois cruzeiros a mais que a *Seleções Reader's Digest*.

Alguns autores, como Walter Benjamin, identificaram o nascimento do romance policial no contexto do aparecimento de práticas sociais de identificação criminal. O desenvolvimento de um aparato moderno, destinado a identificar o criminoso estava vinculado a um sentimento de época, onde as inovações tecnológicas foram apropriadas por estes mecanismos, uma destas apropriações pode ser observada na utilização da fotografia:

...a descoberta da fotografia representa um corte. Para a criminalística não significa menos que a invenção da imprensa para literatura. Pela primeira vez a fotografia permite registrar vestígios duradouros e inequívocos de um ser humano. O romance policial se forma no momento em que estava garantida essa conquista – a mais decisiva de todas – sobre o incógnito do ser humano. Desde então, não se pode pretender um fim para as tentativas de fixá-lo na ação e na palavra. (Benjamin, 2000: 45)

Podemos então perceber a construção do romance policial como aquele gênero literário que tem sua estrutura no tema do incógnito e toda sua problemática encontra-se em transformar o criminoso, que se esconde dentro da sociedade, em um indivíduo passível de identificação. Logo, a análise benjaminiana pode ser um ponto de partida para a definição dos entrelaces entre o romance policial e outros processos simbólicos. Ao relacionar o surgimento do romance policial ao da fotografia, Benjamin fornece uma estrutura de interpretação a esse tipo de literatura, podendo ser compreendida como uma representação de um sentimento mais global que assolava o século XIX e entrara ao XX, pois esse tipo de literatura terá neste século um aumento substancial de produção.

Os efeitos das grandes guerras modificaram em muito esta literatura, configurando novas tipologias para o romance policial, como nos informa Todorov. Segundo este crítico literário, a versão moderna do gênero não tem divisões entre histórias (Todorov, 2003: 96), não há um crime a ser solucionado de “antemão”, uma única história fornece o enredo e a trama para os personagens, o detetive, diferente dos clássicos do gênero, não é mais uma “máquina de pensar” que resolve os casos sem envolvimento com o submundo. Para o detetive do romance policial moderno não há mais o distanciamento entre o crime e sua solução. Ele não mais elimina um indivíduo que representa o submundo, mas, luta contra o selvagem que está dentro da sociedade, afinal “[...] conhece-se o papel que desempenha, como fator essencial de coesão coletiva a presença e o terror do outro, a imagem do Bárbaro rondando as portas da Cidade, o sentimento de sua estranheza e a ameaça que esta representa para a segurança do grupo e para a manutenção de seus valores tradicionais” (Girardet, 1987: 188).

Em certa medida, um elemento básico para a formação da figura do criminoso encontra-se no fato deste ser um elemento desconhecido, diferente e minoritário. O que lançará todos os dispositivos discursivos na tentativa de nomeá-lo, identificá-lo e contê-lo. Assim a anexação de narrativas sobre crimes em espaços de lazer, como a revista, acabam realizando uma produção na economia discursiva, tornado-a parte integrante da grande formação discursiva sobre a criminalidade. Observemos agora um pouco sobre a cena em que estes discursos ganharam corpo.

4) Suportar ou aceitar, admitir a presença ou ação de (geralmente a utilizado no sentido negativo “não suportamos o crime”)

O aumento do fenômeno urbano causou o problema do reconhecimento dos atores sociais, dos *comportamentos desviantes*, ou se preferirmos a criminalidade e *criminalização* de determinados hábitos. Estes elementos tornam-se assuntos da pauta dos meios de comunicação, a imprensa criminal e as notícias policiais ocupam cada vez mais diferentes espaços, e com elas aparecem as Revistas especializadas em narrativas policiais – *casos verdade* ou Romances policiais – desembocando em bancas de jornal e casas de todo o Brasil.

Tanto contos policiais, como *casos verdade* sobre crimes cometidos nos EUA eram veiculados em revistas. Ambos tiveram um papel fundamental na percepção das mudanças sociais do período, “todas estas narrativas contam a história sem senhores, povoada de acontecimentos frenéticos e autônomos, uma história abaixo do poder e que vem chocar-se com a lei.” (Foucault, 1991: 216)

Neste sentido, os textos veiculados na revista X-9 ganham um outro um status. De mero entretenimento, passam a representações de um imaginário social do poder. Legitimadores da ordem vigente, os contos e as novelas policiais veiculados nas revistas produziram símbolos e mitos para nomear os novos atores sociais, que emergiam em meio ao processo de modernização que vivia o Brasil no período de 1930 a 1960. Inseriam novos anteparos à *imaginação social* estabelecendo lugares e espaços para a cidade e, ainda, criando um catálogo mínimo de relações sociais possíveis aos leitores.

Referencias bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Paris do segundo império. In.: **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas tomo III. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 45

BRESCIANI, Maria Stella. Comentário 1. in.: Pinheiro, Paulo Sergio. Crime, violência e poder. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 140

CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In.: _____, A ordem dos livros: leitores, autores bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1999, p. 18

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...** um caso de parricídio do século XIX . Rio de Janeiro: Graal, 1991, p. 216.

GIRARDET, Raoul. **Mitologia políticas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p. 188

PECHMAN, Robert. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 228

REIMÃO, Sandra. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.15